



# Pinturas históricas

ESTIGARRÍBIA

**E**m livreto intitulado *O Brado do Ipiranga*, editado pela Universidade de São Paulo, transcrevem-se curiosos detalhes de quadro homônimo e escritos por seu autor, Pedro Américo. Revelações a respeito de pequenas inverdades que ele adotou em benefício da estética ou para assegurar a euritmia na composição, artifícios bastante comuns entre os artistas.

Mesmo assim, a obra assume a identidade do próprio tema. Capacidade semelhante, por exemplo, também possuem os quadros *A Primeira Missa*, de Victor Meirelles, e *A Proclamação da República*, de Bernardelli.

Conscientes disso, valemos-nos dessas imagens como acessórios de leitura, de palestras e de qualquer atividade onde se pretenda aligeirar o processo de aprendizagem.

O Exército Brasileiro se beneficiou da produção artística daqueles artistas e vem recorrendo a outros, menos talentosos, é verdade, mas úteis como artífices do fortalecimento da sua Memória.

Com o advento da República e a propositada minimização dos fatos gloriosos ocorridos na Monarquia, aquela produção minguou porque as raízes de grande número de unidades do



Exército chegavam ao regime deposto, confundindo-se com os episódios de afirmação de nossa soberania, lá nos primeiros tempos de Brasil.

Por ocasião dos festejos do primeiro centenário da Independência, Gustavo Barroso, um

Tela *Proclamação da República*, de Bernardelli.



Tela *Ardor* e *Glória*, do Cel Estigarríbia.

No alto, Emolduramento da tela *Fiéis Soldados*, do Cel Estigarríbia.

historiador renomado, e o artista e pesquisador José Washt Rodrigues lançaram o álbum *Uniformes do Exército Brasileiro*. Rompia-se o paredão do silêncio – recomeçou-se a glorificar o passado, na verdade a base a partir da qual vieram sendo erguidos os pilares da Pátria. Inúmeros de nós tomamos conhecimento de detalhes organizacionais da Força Terrestre, desde a época dos terços até os batalhões, regimentos e grupos. E fomos inteirando-nos de pormenores de nossos uniformes. Os *Dragões da Independência*, fardados como são ainda hoje, incorporaram revelações contidas naquele álbum. De igual modo, o Batalhão da Guarda Presidencial e o singular fardamento e título de Cadete do Exército.

Inúmeros artistas emprestavam os seus talentos à farta safra de livros de História Militar

que foram sendo escritos na década de 20, do século passado. Ou porque faltassem recursos abundantes, ou porque o ritmo dessa safra fosse acelerado, os trabalhos daqueles artistas limitaram-se à produção de retratos ou de tarefas menores em tamanho e talento.

Mas re vigorou-se a consciência da importância da pintura histórica como instrumento também apropriado à corporificação dos nossos valores.

Destaque nesse período de reerguimento para a dupla Autran e Loureiro, entre 1930 e 1940, civis lotados no Serviço Cinefotocartográfico, órgão do antigo Ministério do Exército. Do primeiro são as telas de Osório e Hermes da Fonseca, fixadas no Salão de Honra do Comando Militar do Leste; o segundo notabilizou-se como criativo desenhista de ex-libris. No rastro, Miranda Júnior, insuperável no bico-de-pena e nas aguadas, colaborador da revista *Aguilhas Negras* e ilustrador, por exemplo, da coleção sobre os Voluntários da Pátria, do General Paulo de Queiroz Duarte, e da *História do Exército Brasileiro*. É dele a famosa pintura do Duque de Caxias de perfil – a única nesse ângulo – hoje acervo da Biblioteca do Exército. E Ivan Washt Rodrigues, sobrinho do José do mesmo sobrenome e seu herdeiro de traço, está presente naquela coleção do General Paulo de Queiroz Duarte, no *Atlas Histórico Escolar* e em inspiradas pranchas de álbum promocional da FHE-Poupex.

Em período próximo, mostrou-se excepcional o pintor Álvaro Martins, com inúmeras telas espalhadas pelo Exército, no prédio do Comando da Força, paredes do Palácio Duque de Caxias, Museu do Exército e Regimento Mallet.

As atividades culturais ganharam novo impulso a partir da gestão do General Zenildo de Lucena na Pasta do Ministério do Exército, frutifi-





cando ainda agora. É de se ver como os escalões Unidade vasculham sua genealogia e cuidam da reunião de acervos materiais. O programa *Raízes*, inserido no calendário de instrução, estimula o levantamento histórico das organizações militares e das regiões de suas respectivas sedes. No patamar mais elevado, a vertente setorial da Diretoria do Patrimônio Histórico e Cultural do Exército empolga, também, o meio civil, principalmente, por intermédio de seminários e exposições. Nossa Fundação Cultural viabiliza, por exemplo, a utilização do patrimônio do Exército pelo civil, fartando-o para produções cinematográficas, televisões e publicitárias.

Nos trens dessa investida desinibem-se escritores de todas as origens, abordando, ao seu viés, a temática militar. Cito, por conhecidos, os livros de Francisco Doratioto e o excelente *As Guerras dos Gaúchos*, recentemente lançado, trabalho a vintena de mãos coordenado por Gunter Axt.

Então, a pintura histórica, subsidiando esse crescente cultural, encontra ambiente mais favo-

rável hoje do que há algumas décadas. Talentos ainda à sombra começarão a buscar espaços mais radiantes para atender, por exemplo, concursos de pinturas sobre temas militares ou a necessidade de ilustrações da produção literária.

A esses aspirantes daria poucos conselhos – serão úteis? Por ordem: a pintura histórica não é somente inspiração, é também suor. Às vezes, mais suor do que inspiração.

Tudo começará pela pesquisa literária, reforçada, quando possível, por recorrida ao cenário real e aos detalhes da vestimenta, dos utensílios e das características físicas dos personagens atuando na tela. Daí, do cruzamento das informações reunidas surgirá a dita “inspiração”.

À guisa de exemplo, conto como foi impactante descobrir descuidos repetindo-se em inúmeras pinturas: o simples detalhe do estilo de bigode-barba-cabelo. Gustavo Barroso os catalogou, ilustrando-os, conforme a época. Pois bem, dos primórdios do Brasil Império até 1917 o bigode e

Tela *O Grito do Ipiranga*, de Pedro Américo.



Cartão sobre o lançamento do Livro *As Guerras dos Gaúchos*.

barba fartos foram obrigatórios no Exército por simbolizarem virilidade. Quanta pintura sobre a época recheada de soldadesca imberbe...

Ao visitar os sítios históricos da Guerra da Tríplice Aliança, confirmamos a fidelidade das pranchas pintadas por Candido López. É imperativo dispor-se delas, já que a cobertura fotográfica, inexpressiva e em preto e branco, limita-se a umas poucas publicações (*Guerra do Paraguai*, de Ricardo Salles, e *Soldados de La Patria e Soldados 1848-1927*, estas, edições argentinas). O álbum de Gustavo Barroso e J.W. Rodrigues continua imbatível – detalha cores e particularidades da uniformália.

Apenas alguns artistas, mais bem dotados, rabiscam diretamente na tela seus esboços, porque a maioria o faz à parte, personagem por personagem, criteriosos na escolha do gesto mais apropriado para a cena desenhada.

Entretanto, o que proporciona volume e sensação de profundidade e perspectiva é a cor. Aqui, muito cuidado: as cores aumentam a dimensão das coisas, afetam a proporção dos membros de uma pessoa, por exemplo. No particular da pintura histórica, a obediência às cores do fardamento, das bandeiras e de outros pormenores exige bastante criatividade do artista. O derredor desses detalhes obedientes precisa de cores que o contrastem (verde x vermelho) ou com os tais se harmonizem de acordo com o efeito desejado. Por falar em bandeira, uma pesqui-

sa a apontou como o primeiro símbolo da Pátria a ser lembrado. Então, sua presença fortalece o interesse do público pelo trabalho do autor.

São conhecidíssimos mais dois recursos utilizados para incrementar a atenção do espectador: situar o principal da composição no *ponto áureo* (grosseiramente, na intersecção dos 2/3 do comprimento da tela com os 2/3 da largura) e lembrar, sempre, que os ocidentais leem da esquerda para a direita. Se a movimentação dos personagens for em sentido oposto, o efeito conseguido é o de a cena parecer estar saindo da tela. Escolhe-se o mais adequado.

A sequência de dias é imensa. Com o praticar, elas vão surgindo e se incorporam como um hábito. Logo, pratique-se. Mas, preferentemente, com material de alta qualidade, telas, tintas e pincéis capazes de tornar a tarefa prazerosa e o produto final resistente às agressões ambientais e ao passar do tempo.

Para finalizar, o chamamento aos ainda não iniciados. Deem um passo à frente os que já praticam um pouco ou os inclinados a fazê-lo, e vamos povoar com temas históricos salões, galerias, livros e revistas. A moda pode pegar, ativando o mercado. Ganhará, também e principalmente, o patrimônio cultural brasileiro, ainda enormemente carente do registro dos episódios que corporificaram a Pátria.

Boa sorte e mãos à obra, a ocasião é auspiciosa.

.....

PEDRO PAULO CANTALICE ESTIGARRIBIA é Coronel do Exército, da arma de cavalaria. Concluiu a Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) no ano de 1956. Coursou a EsAO e ECEME e comandou o 2º RC Mec. Foi duas vezes instrutor da AMAN e encerrou o serviço ativo no CComSEx. É bacharel em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Elaborou centenas de pinturas sobre episódios da História Militar do Brasil, hoje acervo cultural, espalhadas no Brasil e no exterior. É autor também, dos livros “Osório”, “Episódios Militares” e a quadrilogia de caricaturas sobre a caserna dos idos 1950-60.